

# Piúma quer transformar a Ilha do Gambá em uma área de lazer

Foto de Chico Guedes

Piúma — Tombada pelo Conselho Estadual de Cultura e com uma área verde formada por capoeiras, a Ilha do Gambá poderá ser transformada num parque com áreas para lazer e esportes. A iniciativa parece contar com apoio da população e o prefeito José Izaias Scherrer está tentando autorização para o empreendimento junto à Secretaria Especial de Meio Ambiente (Sema) e recursos para as obras no Ministério do Desenvolvimento Urbano.

O projeto já teria sido executado, porém, no ano passado, dois meses após a ilha ter sido tombada por um decreto do governador Gérson Camata, o Conselho de Cultura negou autorização. “Pode ser que, com o governador Max Mauro, consigamos fazer o que pretendemos. Mudou a política pode ter mudado os homens e as idéias”, afirma o secretário municipal de Administração e Finanças, Waldir Laiber Mulinari, que esteve em Brasília, recentemente, juntamente com o secretário municipal de Obras, João Batista Missaglia, tratando do assunto.

Com capoeiras e estrada em péssimo estado de conservação, a Ilha do Gambá é local de encontro de casais e usuários de drogas. “A Prefeitura não pode mexer em nada”, disse Waldir Mulinari, acrescentando que vi sobre a mesa do prefeito uma indicação para que a estrada fosse patrolada, mas nem isto a municipalidade pode fazer”.

“A Ilha do Gambá é um motel”, diz o secretário, numa alusão aos casais que vão para a Ilha do Gambá. “As famílias



**Izaias Scherrer quer livrar a ilha dos marginais**

não frequentam aquele local. Lá só vão os casais e viciados em drogas. É sem dúvida um local bonito que só é usado por marginais”, acrescentou.

## Parque

“A única maneira de acabar com a marginalidade no local é fazendo o parque, evidentemente dentro de um projeto que não venha a violentar o meio ambiente”, disse. Para o assessor do prefeito Izaias Scherrer a posição do Conselho de Cultura é ridícula. Lembrou que esse órgão, durante o Governo Gérson Camata, queria impedir o asfaltamento da avenida Beira Mar e cogitou-se até em seu tombamento, tal como ocorreu com a Ilha do Gambá. “É um absurdo. Onde está a autonomia do município? O engraçado é

que a gente não tinha nem oportunidade de argumentar. Provavelmente, com Max Mauro, devem ter mudado”, acrescenta.

As Ilhas do Gambá, do Meio e Cabritos estão tombadas desde março do ano passado. A única identificação do tombamento é uma placa de alumínio com os dizeres: “Este pedaço de terra, junto com as ilhas do Meio, Cabritos e dos Franceses, é um bem natural pertencente ao patrimônio Espírito-santense e seu usufruto está comprometido com as atuais e futuras gerações capixabas. Março de 1986, Governo Gérson Camata e Conselho Estadual de Cultura”

A opinião pública crítica o abandono, principalmente da Ilha do Gambá. Afirma que a cidade teria maiores benefícios se

fosse contruído um parque com áreas de lazer. “Do jeito que está, é melhor que não existisse. O bom é que seja feito um parque, “opina Jorade Marinho. A doméstica Dolores Hervat compartilha da mesma opinião e acrescenta: “Para ser sincera, conheço pouco o local. Pelo que se fala atualmente do local, é bem provável que nunca mais vá lá. Acho muito melhor que seja transformado em áreas de lazer.

O comerciante Jorge Areias, 43 anos é mais duro. “É brincadeira o abandono a que está a ilha. A gente só vê maconeiros e casais indo para encontro amoroso. Com um parque, as coisas mudam e disciplina a frequência. A gente pensa em nossos filhos. Vivemos numa cidade que só tem a praia como local de lazer. Recebemos muitos turistas e deixam um lugar daqueles para os marginais.

“Essa conversa de tombamento e que não se pode mexer é conversa. Uma idéia dessas deve ser de quem não vive nesta cidade. Pode-se muito bem se fazer um parque sem mexer no verde, sem causar danos ao meio ambiente. Pode-se até melhorar o que já existe. Já fui lá várias vezes e sou inteiramente favorável que se faça um parque para aproveitamento da área pela população”, diz Eduardo César, 26 anos, cuja opinião é compartilhada por Sérgio Oliveira Martins. Ao contrário, José Elci Mongin, diz que: “tem que ficar tudo como está. O negócio é não deixar ninguém mexer em nada. Deixe o verde como está”.